UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO INTERDISCIPLINAR DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

MILENA MARTINS DA SILVA

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: ASPECTOS E DESAFIOS ENCONTRADOS NO CONTEXTO ESCOLAR DO CARIRI PARAIBANO

SUMÉ – PB
2025

MILENA MARTINS DA SILVA

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: ASPECTOS E DESAFIOS ENCONTRADOS NO CONTEXTO ESCOLAR DO CARIRI PARAIBANO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, área de Linguagens e Códigos.

Orientador: Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos

SUMÉ - PB

2026



S586i Silva, Milena Martins da.
Identidade de gênero e orientação sexual: aspectos e desafios encontrados no contexto escolar do Cariri Paraibano / Milena Martins da Silva. - 2026.

52 f.

Orientador: Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos.
Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Interdisciplinar de Licenciatura em Educação do Campo.

1. Identidade de gênero. 2. Orientação sexual. 3. Práticas pedagógicas. 4. Educação do campo. 5. Sexualidade. 6. Gênero – relações sociais na escola. 7. Diversidade. I. Santos, Valdonilson Barbosa dos. II Título.

CDU: 37.018:305(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

MILENA MARTINS DA SILVA

IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: ASPECTOS E DESAFIOS ENCONTRADOS NO CONTEXTO ESCOLAR DO CARIRI PARAIBANO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo, área de Linguagens e Códigos.

BANCA EXAMINADORA

Professor Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos
Orientador – UACiS/CDSA/UFCG

Doutoranda Carla Mailde Feitosa Santa Cruz
Examinadora I – UATEC/CDSA/UFCG

Professor Me. Rafael Barros de Sousa
Examinador II - UEPB/PPGLI

Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira
Examinador III UAEDUC/CDSA/UFCG

Trabalho aprovado em 24 de março de 2026.

SUMÉ - PB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, primeiramente a Deus, por me sustentar nos momentos de dificuldade e por me conceder força e perseverança para chegar até aqui. A mim, por não ter desistido, mesmo diante dos desafios que enfrentei e não foram poucos. À minha mãe, Antônia Ozanir da Silva e a minha avó, Maria de Lourdes da Silva, que são meu alicerce, meu exemplo de amor e resistência,que sempre me apoiaram e estiveram do meu lado nos momentos em que pensei que meu esforço não seria suficiente. Aos meus irmãos, João Elizomar Simões e Alice Silva, pelo apoio e pela presença constante em minha caminhada. Com todo amor e saudade, dedico aos meus dois pais, meu avô (Osvaldo Vicente) e ao meu pai biológico (Wanderlei Martins), que, mesmo ausentes fisicamente, permanecem vivos em minha memória e em cada conquista alcançada.

E, por fim, dedico ao meu orientador, pela paciência, pelas orientações e por ter acreditado na continuidade deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Sinceramente? Não sei nem por onde começar porque foi uma jornada bem extensa. Foi um processo muito trabalhoso onde houveram momentos em que pensei em jogar tudo pro alto e desistir sem nem olhar para trás. E ao longo desse processo, muita gente participou dessa caminhada junto comigo, uns ativamente outros meio que “nos bastidores”, mas que sempre estiveram lá. Sendo assim, tenho que agradecer a Deus primeiramente, por que ele sempre esteve do meu lado, sempre, até nos momentos em que eu não o queria por perto por me sentir perdida e por vezes desamparada. Ele nunca desistiu de mim e me provou que ele era, é e será sempre meu amparo.

Agradeço a mim, pelo meu esforço, pela minha perseverança em persistir em algo que eu sei, irá trazer frutos significativos para mim e para quem um dia usufruir deste trabalho. E isso para mim, é muito gratificante pois sei que por mais que tenha sido difícil no começo, os louros desta luta valeram à pena.

À minha família, por todo o apoio, compreensão e incentivo ao longo dessa caminhada. Mesmo quando as dificuldades pareciam maiores que meus sonhos, vocês foram base e acolhimento. Aos meus amigos, que estiveram presentes nos dias leves e, principalmente, nos dias difíceis. Obrigada pelas palavras de incentivo, pela escuta e por compreenderem minhas ausências.

Aos professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, por cada ensinamento compartilhado, por cada orientação e por contribuírem para minha formação não apenas profissional, mas também humana. Aos anos vividos na universidade, que foram de intenso aprendizado, crescimento e transformação. Foram anos que me ensinaram sobre responsabilidade, amadurecimento e propósito.

Por fim, agradeço ao professor/orientador Valdonilson Santos por ter confiado em mim e ter me apoiado com a ideia de não desistir e de ter acreditado em mim. Ele se mostrou ser uma pessoa incrível, além de um profissional respeitado e admirado, muito mais por mim. Sou grata imensamente pela sua contribuição no meu trabalho, sei que não o iniciamos juntos, mas a sua participação nele foi essencial. Gratidão por tudo, professor.

Gratidão a todos!

“Mas já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas.”

Clarice Lispector

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda a temática da identidade de gênero e da orientação sexual no contexto escolar do Cariri paraibano, com foco nas práticas docentes e nas relações estabelecidas no ambiente escolar. Parte-se da compreensão de que a escola constitui um espaço fundamental de formação social, no qual se constroem valores, identidades e formas de convivência, sendo também um ambiente onde se manifestam tensões e desigualdades sociais. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo geral compreender os aspectos educacionais e formativos relacionados à identidade de gênero no contexto escolar, analisando as práticas docentes e as relações sociais estabelecidas. Como objetivos específicos, busca-se identificar como se configuram as relações sociais relacionadas às questões de gênero no ambiente escolar, analisar as formas de abordagem dessas temáticas por meio das práticas pedagógicas e compreender seus impactos nas relações entre os sujeitos escolares. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, realizada por meio de questionário com professores, além de observação e análise do conteúdo. A importância do estudo se expressa nas dimensões social, acadêmica e profissional, ao contribuir para o enfrentamento do preconceito, para o avanço das discussões na área da Educação do Campo e para o aprimoramento das práticas pedagógicas voltadas à diversidade.

Palavras-chave: Identidade de gênero; Orientação sexual; Práticas pedagógicas; Diversidade; Educação do Campo.

ABSTRACT

This undergraduate thesis addresses the theme of gender identity and sexual orientation in the school context of the Cariri region of Paraíba, focusing on teaching practices and the relationships established within the educational environment. The study is based on the understanding that school is a fundamental space for social formation, where values, identities, and forms of coexistence are constructed, as well as a place where social tensions and inequalities emerge. In this sense, the main objective is to understand the educational and formative aspects related to gender identity in the school context, analyzing teaching practices and social relationships. The specific objectives are to identify how social relations related to gender issues are established in the school environment, to analyze how these themes are addressed through pedagogical practices, and to understand their impacts on relationships among school subjects. Methodologically, this is a qualitative study, developed through interviews/questionnaires with teachers, as well as observation and content analysis. The relevance of this research is expressed in its social, academic, and professional contributions, as it promotes reflection on prejudice, advances discussions in the field of Rural Education, and supports the development of more inclusive pedagogical practices.

Keywords: Gender identity; Sexual orientation; Teaching practices; Diversity; Rural Education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CDSA	Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização dos participantes da pesquisa……..…..39

Quadro 2 – Compreensão sobre gênero e sexualidade……..….40

Quadro 3 – Preparação docente e necessidade de formação …….41

Quadro 4 – Importância da temática no ambiente escolar ……..….42

Quadro 5 – Práticas docentes e enfrentamento ao preconceito…..……43

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO……..…**	**13**
2	**IDENTIDADE DE GÊNERO E EXPRESSÃO DE GÊNERO…….**	**15**
2.1	Diferença entre identidade de gênero e orientação sexual……	16
2.2	Identidade de gênero como Performance……	20
2.3	Base legal para abordagem no ensino médio……..	25
3	**ORIENTAÇÃO SEXUAL E A MATRIZ HETERONORMATIVA……**	**28**
3.1	As práticas docentes e as metodologias aplicadas em sala de aula……	32
4	**PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS…….**	**37**
4.1	Tipo de pesquisa……	37
4.2	Abordagem metodológica……	37
4.3	Técnicas de coleta de dados……...	38
5	**ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS……...**	**39**
5.1	Caracterização dos sujeitos entrevistados……	39
6	**CONSIDERAÇÕES FINAIS.....**	**45**

1 INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como tema a identidade de gênero e a orientação sexual no contexto escolar do Cariri Paraibano, com foco nas práticas docentes e nas relações estabelecidas no ambiente educacional. A pesquisa parte da compreensão de que a escola se configura como um espaço fundamental de formação social, cultural e humana, no qual os sujeitos constroem valores, identidades e formas de convivência, sendo também um ambiente onde se manifestam tensões, conflitos e desigualdades presentes na sociedade.

Nesse sentido, discutir gênero e sexualidade no contexto escolar torna-se essencial, uma vez que essas dimensões fazem parte da construção dos sujeitos e influenciam diretamente suas experiências no ambiente educacional. No entanto, apesar dos avanços nas discussões sobre diversidade, ainda se observa que tais temáticas são, muitas vezes, silenciadas ou tratadas de forma limitada nas escolas, especialmente em contextos marcados por valores culturais e religiosos mais conservadores.

No contexto do semiárido paraibano, mais especificamente na região do Cariri, essa realidade se evidencia de forma ainda mais intensa, sobretudo em áreas rurais, onde as normas sociais tendem a reforçar padrões tradicionais de gênero e sexualidade. Essa configuração contribui para a permanência de práticas discriminatórias e para a dificuldade de inserção de debates sobre diversidade no cotidiano escolar, impactando tanto estudantes quanto professores no processo de ensino-aprendizagem.

A escola, nesse cenário, assume um papel ambíguo: ao mesmo tempo em que pode reproduzir padrões normativos e excludentes, também possui potencial para promover transformações sociais por meio da educação, do diálogo e da construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Dessa forma, torna-se necessário compreender como as questões de identidade de gênero e orientação sexual são percebidas e trabalhadas no espaço escolar, especialmente no que diz respeito à atuação docente e às relações estabelecidas entre os sujeitos.

A escolha desse tema justifica-se pela necessidade de ampliar as discussões sobre diversidade, respeito e inclusão no ambiente escolar, considerando que ainda existem lacunas na formação de professores para lidar com essas temáticas, bem

como a persistência de preconceitos que afetam o cotidiano educacional. Além disso, a relevância do estudo está relacionada à importância de compreender como essas questões se manifestam na prática, contribuindo para a construção de estratégias pedagógicas que promovam o respeito às diferenças e a valorização da diversidade. Diante desse contexto, o problema de pesquisa que orienta este trabalho é: como as questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual se manifestam no contexto escolar e de que forma são abordadas na prática docente e no processo de ensino-aprendizagem?

O objetivo geral deste estudo consiste em compreender os aspectos educacionais e formativos relacionados à identidade de gênero no contexto escolar, analisando as práticas docentes, as relações sociais e os desafios presentes no ambiente educacional. Como objetivos específicos, busca-se: identificar como se estabelecem as relações sociais relacionadas às questões de gênero no ambiente escolar; analisar as formas de abordagem dessas temáticas por meio das práticas pedagógicas; e compreender os impactos dessas questões nas relações entre estudantes, professores e gestores.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como qualitativa, por possibilitar uma compreensão mais aprofundada das percepções, experiências e práticas dos sujeitos envolvidos. Para a coleta de dados, foram utilizados instrumentos como entrevistas/questionários com professores, além de observação e análise do conteúdo, permitindo uma análise interpretativa do contexto investigado.

A relevância deste estudo está expresso em diferentes dimensões. No âmbito social, contribui para o enfrentamento de preconceitos e para a promoção do respeito à diversidade. No campo acadêmico, amplia as discussões sobre gênero e sexualidade na Educação do Campo, especialmente em contextos rurais. Já no âmbito profissional, oferece subsídios para a reflexão sobre práticas docentes e para o desenvolvimento de abordagens pedagógicas mais inclusivas.

Este trabalho está estruturado em seções. Inicialmente, apresenta-se a fundamentação teórica, que discute os principais conceitos relacionados à identidade de gênero e à orientação sexual, bem como sua relação com o contexto educacional. Em seguida, é descrita a metodologia utilizada na pesquisa. Posteriormente, são apresentados e discutidos os resultados obtidos a partir da análise dos dados. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se retomam os principais achados do estudo e se apontam reflexões acerca da temática.

2 IDENTIDADE DE GÊNERO E EXPRESSÃO DE GÊNERO

A concepção de gênero está em constante transformação, acompanhando os avanços socioculturais. Os adolescentes, por exemplo, expressam suas concepções de gênero a partir do contexto social e político no qual estão inseridos. Dessa forma, cada experiência vivenciada por eles contribui para a construção de sua própria identidade, embora a dualidade “homem/mulher” ainda esteja intrinsecamente ligada à ideia de gênero na sociedade (Louro, 2003; Butler, 2003).

Para compreender as questões que permeiam a identidade de gênero, é necessário investigar suas origens sociais e identificar os padrões de comportamento que são impostos e reproduzidos. Nesse sentido, as experiências vividas pelo adolescente são fundamentais para a construção de sua identidade.

Mas, antes de prosseguir, cabe definir: o que é Identidade de Gênero? **Identidade de gênero** corresponde à percepção interna e individual que uma pessoa tem sobre si mesma e seu próprio gênero, que pode ou não corresponder ao sexo biológico atribuído ao nascer (Louro, 2003) . Já a **expressão de gênero** (Butler, 2003), refere-se à maneira como essa identidade é externalizada e percebida socialmente, por meio de vestimentas, gestos, comportamentos e apresentação pessoal.

Principais identidades de gênero:

- **Cisgênero:** pessoa cuja identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído ao nascer.
- **Não-binário:** pessoa que não se identifica exclusivamente com os gêneros masculino ou feminino.
- **Gênero fluido, agênero, demigênero:** variedades de identidades dentro do espectro não-binário.
- **Travesti:** são pessoas que foram designadas homens ao nascer, mas se identificam e vivem no feminino. Podem ou não fazer uso de hormônios ou modificações corporais. E não necessariamente se identificam como “mulher” (algumas sim, outras não).
- **Transgênero:** É um termo mais amplo. refere-se a pessoas cuja

identidade de gênero (como elas se veem: homem, mulher, não-binário, etc.) **não corresponde ao sexo que foi atribuído no nascimento.** Nem toda pessoa transgênero quer ou precisa passar por cirurgias ou tratamentos médicos.

- **Transsexual:** É um termo mais **específico** e **antigo**. Geralmente, era usado (e ainda é, em alguns contextos) para pessoas trans que **buscam** ou **passaram** por **intervenções médicas,** como terapia hormonal ou cirurgia, para alinhar o corpo à sua identidade de gênero.

- Orientação Sexual

A **orientação sexual** diz respeito à atração afetiva, romântica e/ou sexual que uma pessoa sente por outras (Bordini, 2012). Ela pode ser:

- **Heterossexual:** atração por pessoas do gênero oposto.
- **Homossexual:** atração por pessoas do mesmo gênero (gays e lésbicas).
- **Bissexual:** atração por mais de um gênero.
- **Panssexual:** atração por pessoas independentemente de gênero.
- **Assexual:** pouca ou nenhuma atração sexual.

2.1. Diferença entre Identidade de Gênero e Orientação Sexual

É fundamental que a escola esclareça que **identidade de gênero não determina a orientação sexual**. Uma pessoa transgênero, por exemplo, pode ser heterossexual, homossexual, bissexual ou assexual, assim como qualquer pessoa cisgênero.

Muito se discute sobre comportamentos considerados "desviantes", frequentemente atribuídos ao caráter do indivíduo, como é o caso da homossexualidade, vista por alguns como algo errado. No entanto, pouco se debate sobre como esses comportamentos são, em grande parte, moldados pelo convívio familiar, que carrega consigo contextos religiosos e socioculturais específicos, além de sofrer influência da mídia e de outros agentes sociais no entorno do adolescente.

Existem muitas divergências e convergências entre os adolescentes de todos os gêneros sobre assuntos interpretados como obstáculos nessa fase crucial de suas vidas. Temas como virgindade, orgasmo, orientação sexual e aborto estão entre os mais discutidos. É dentro desse panorama social e de descobertas experienciadas pelos jovens que a identidade de gênero muitas vezes entra em conflito.

Diante disso, volta-se o olhar para o ambiente escolar, onde a educação tem o papel fundamental de transformar o contexto desses alunos em um espaço de acolhimento e aceitação. Ainda é predominante nas escolas a perpetuação de uma pedagogia sexista e desigual, mesmo que tenham o potencial de promover a construção de relações equitativas entre os gêneros. A instituição escolar muitas vezes ainda se adequa à reprodução de comportamentos padronizados e à determinação de estereótipos para os adolescentes. Observa-se, assim, que as questões de gênero influenciam significativamente a sexualidade dos adolescentes, podendo determinar suas ações e interações (Bordini, 2012).

O principal papel das instituições de ensino é criar ambientes profissionais que propiciem a prática de valores como igualdade e respeito entre todas as pessoas, permitindo que crianças e adolescentes convivam com a diversidade de possibilidades relacionadas aos papéis sociais de gênero. Desde tenra idade, os indivíduos estabelecem relações baseadas naquilo que observam no mundo social. Por isso, a dinâmica da sociedade infantil frequentemente replica as relações sociais do universo adulto, padrão que se mantém na adolescência (Nogueira, 1999).

É por meio dessas relações, iniciadas precocemente, que as crianças – através de uma construção social – são “condicionadas” a fazerem escolhas, como selecionar com quem brincar, baseando-se em identificações com pares de seu entorno. Este estudo busca estabelecer uma correlação entre tais comportamentos no ambiente escolar e suas influências na convivência entre alunos e professores, com o intuito de contribuir para a construção de um ambiente propício a boas relações sociais (Nogueira, 1999).

De acordo com Freire (1981, p. 39), alcançar a consciência crítica só é possível por meio de “um processo educativo de conscientização”. Dentro desse conceito, identifica-se a necessidade de criar uma educação libertadora e crítica. É igualmente importante que se estabeleçam relações coerentes entre a escola e a proposta pedagógica que ela pretende oferecer, para que os alunos compreendam a

importância de seu espaço escolar e social. Nesse contexto, é crucial destacar o compromisso dos educadores com as classes populares, que são frequentemente marginalizadas e oprimidas, com o intuito de oferecer uma educação humanizadora e libertadora, condição fundamental para a efetivação da democracia.

Como afirma o Referencial Curricular Nacional para a Formação Pessoal e Social (Brasil, 1998, p. 41):

> Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de habilidades e conhecimentos, até as diferenças de gênero, etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas (Brasil, 1998, p. 41).

A partir disso, o que se pode perceber é que não deveria existir nenhum tipo de diferença social entre os indivíduos que compartilham os mesmos espaços, sejam eles públicos ou privados. No entanto, a realidade de nossa sociedade é totalmente diferente daquilo que a lei ou as organizações não governamentais propõem. É de suma importância destacar que, quando esse tema adentra as salas de aula, os parâmetros educacionais voltam-se com um olhar mais cuidadoso e, ao mesmo tempo, crítico diante dessa complexidade. A criança, em sua fase infantil, absorve tudo o que aprende em sua convivência com os adultos. Portanto, é extremamente importante que haja um posicionamento moderado, no qual elas possam não apenas absorver, mas também se sentir pertencentes.

Denota-se como imprescindível refletir sobre determinadas ações realizadas na escola, para que o exercício do não preconceito de gênero durante as atividades escolares seja efetivo. Por exemplo: é necessário escolher brinquedos de acordo com o sexo das crianças? Os meninos não podem brincar de boneca? E por que as meninas não podem brincar com brinquedos destinados aos meninos? Esse posicionamento precisa ser questionado, para que não se normalize esse tipo de tratamento, já considerado desigual e desnecessário. É preciso questionar o que é ensinado e como é ensinado, desmistificando aprendizados solidificados e verdades tidas como absolutas.

Enquanto a escola continuar perpetuando e representando uma estética na qual a ideia de poder de um sexo sobre o outro é normal, as reinvindicações em prol

de uma comparação sexista continuarão lentas e enfadonhas. O ambiente escolar acaba sendo, muitas vezes, um lugar onde ocorrem violências físicas, psicológicas, simbólicas e patrimoniais contra estudantes LGBT. De acordo com Junqueira, tais violações ocorrem porque a escola é um espaço de reprodução social (2008, p. 223). Porém, também é importante compreender que, apesar de ser um espaço de reprodução, a escola é igualmente propícia para a desestabilização de desigualdades, preconceitos e violências.

Ao refletirmos sobre o conceito de gênero dentro das escolas, podemos observar que existe uma iniciativa de origem governamental: o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), cuja primeira versão foi elaborada em 2006. Englobando vários aspectos relacionados à comunidade LGBT, inclusive a identidade de gênero, o PNEDH apontou que a educação em direitos humanos no Brasil tem por objetivo "exercitar o respeito, a tolerância, a promoção e a valorização das diversidades (étnico-racial, religiosa, cultural, geracional, territorial, físico-individual, de gênero, de orientação sexual, de nacionalidade, de opção política, dentre outras) e a solidariedade entre povos e nações" (Brasil, 2007, p. 25).

Recentemente, tivemos a instituição do Programa Nacional de Direitos Humanos III (PNDH III), que trouxe novas propostas governamentais para a educação, dialogando com questões de gênero e diversidade sexual, agrupadas no eixo "Educação e Cultura em Direitos Humanos". O documento do PNDH III afirma:

> Na educação básica, a ênfase do PNDH-3 é fazer com que seja possível, desde a infância, que os sujeitos tenham direitos, priorizando as populações historicamente vulneráveis. [...] Conhecer o diferente, desde a mais tenra idade, é perder o medo do desconhecido, formar pensadores críticos, desenvolver opinião respeitosa e combater o preconceito, às vezes arraigado na própria família (Brasil, 2009/2010, p. 150).

No programa, essa concepção traduz-se em propostas de mudanças curriculares, incluindo a educação transversal e permanente em temas ligados aos Direitos Humanos e, mais especificamente, o estudo da temática de gênero e orientação sexual, das culturas indígenas e afro-brasileira entre as disciplinas do ensino fundamental e médio (Brasil, 2010, p. 185-186).

É necessário que a desigualdade entre homens e mulheres, meninos e meninas seja, de uma vez por todas, sanada. Por que esse paradigma é tão difícil de ser rompido? Simplesmente porque o modelo de binariedade existe há muitos anos e

é mantido até hoje porque representa poder e tem diversos fatores envolvidos,como crenças religiosas,culturais. A escola, enquanto grupo social, faz parte de uma das esferas de convívio mútuo entre os indivíduos, e nela estão contidas todas as relações que dela derivam. É importante que a escola, como grupo social, lide com essa dinâmica social, abordando diferentes aspectos da sociedade do educando, conforme indicam estudos realizados.

Outro aspecto que traz à escola questões de inclusão é a diversidade sexual, que se refere ao respeito a todas as orientações sexuais e identidades de gênero, promovendo um ambiente seguro e acolhedor para todos os estudantes. Isso inclui a implementação de políticas antidiscriminatórias, a educação inclusiva e programas de apoio para combater o preconceito e a homofobia.

E o que a gestão e os professores podem fazer, além de criar um ambiente inclusivo e acolhedor? Entre as opções, estão integrar a diversidade sexual nos currículos, abordando o tema de forma adequada e inclusiva em diferentes disciplinas, promovendo discussões e atividades que incentivem o respeito e a compreensão mútua, estabelecendo regras claras contra bullying e preconceito, e oferecendo suporte emocional aos alunos LGBT, como acolhimento individual ou encaminhamento para recursos externos. Não podemos deixar de frisar que é fundamental que os professores estejam abertos ao diálogo, atualizados sobre questões relacionadas à diversidade sexual e dispostos a aprender com seus alunos, criando um ambiente inclusivo onde todos se sintam seguros para serem autênticos.

2.2 Identidade de Gênero como Performance

Em seu livro *Gender Trouble* (Butler, 1990) a autora introduz a ideia de que o gênero não é uma essência biológica ou uma característica fixa, mas sim uma construção social performativa.

- **Gênero como performance:** Butler propõe que não “somos” um gênero, mas “fazemos” o gênero continuamente, por meio de comportamentos, expressões e discursos que repetimos ao longo da vida.
- **Crítica ao essencialismo de gênero:** Ela rejeita a ideia de que existe uma “natureza” feminina ou masculina. O que entendemos como “homem”

ou “mulher” são categorias moldadas socialmente.

- **Desnaturalização do binarismo de gênero:** Ao demonstrar que o gênero é performativo, Butler sugere que a distinção homem/mulher é um efeito das normas sociais, não algo biológico.

“O gênero não é algo que se é, mas algo que se faz — um ato repetido, uma performance.”

A abordagem do tema deve ocorrer por meio de uma perspectiva interdisciplinar, reflexiva e baseada no diálogo. Alguns métodos que podem ser eficazes são:

- Inserção do tema em disciplinas

- **História e Sociologia:** Movimentos LGBTQIAPN+ ao longo da história; direitos civis e conquistas legais.
- **Biologia e Ciências da Natureza:** Aspectos biológicos e sociais do gênero; genética e variação na diferenciação sexual.
- **Português e Literatura:** Análise de obras que contenham personagens LGBTQIAPN+; escrita e produção de textos sobre identidade e diversidade.
- **Filosofia e Ética:** Reflexões sobre liberdade individual e respeito à diversidade; debates sobre moralidade e preconceito na sociedade.

- Métodos Ativos de Aprendizagem

- **Rodas de conversa:** Permitem que os alunos se sintam seguros para trocar ideias e experiências.
- **Estudo de caso:** Análise de histórias reais de pessoas LGBTQIAPN+ para contextualizar os desafios enfrentados.
- **Projetos interdisciplinares:** Atividades que integram várias disciplinas para promover reflexões mais amplas.

Muitas escolas ainda não estão abertas a discutir e dialogar sobre questões pedagógicas ou iniciativas inovadoras que abordem temas considerados "polêmicos", como a diversidade sexual. No entanto, observa-se que, ao longo dos anos, algumas instituições estenderam sua área de atuação para domínios que antes eram reservados aos núcleos familiares, como o surgimento de serviços especializados —

educação afetivo-sexual, antidrogas — de amparo às famílias (Nogueira, 1999), além de outras discussões relacionadas às identidades sexuais, de gênero e diversidade sexual.

Esses empecilhos decorrem, em parte, da estrutura da nossa sociedade e dos valores e normas por ela impostos, bem como da própria composição das famílias, que se estruturaram ao longo do tempo, determinando limites em seu papel em relação à atuação na escola, devido a ideais distintos provenientes das diversas formas de organização familiar (Biázzio; Lima, 2009). Ainda assim, diante de inúmeros obstáculos e mudanças nas estruturas de vida das famílias e nos processos escolares, tem-se contribuído para a construção de um sistema que possa influenciar tanto a família quanto a escola, abrindo diversos caminhos para o diálogo e a implementação gradual de iniciativas no ambiente escolar.

Butler (2013) também traz à tona a discussão sobre identidade de gênero e igualdade, destacando a necessidade de aprofundar esse tema no que se refere aos valores éticos e morais dentro da sociedade. Ela afirma:

O gênero pode também ser designado como o verdadeiro aparato de produção por meio do qual os sexos são estabelecidos. Assim, o gênero não está para a cultura como o sexo está para a natureza; o gênero é também o significado discursivo/cultural pelo qual a “natureza sexuada” ou o “sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura age (Butler, 2013, p. 7).

Com essa fala, nota-se que a autora critica as distinções de gênero na sociedade, que acarretam a desvalorização do sexo feminino como um todo. Para Butler, o termo "gênero" é uma analogia ao discurso social de como o gênero é construído e percebido em relação à natureza. A autora sugere que o gênero não é simplesmente uma questão cultural, mas está intimamente ligado à forma como entendemos e produzimos a ideia de sexo natural. Ou seja, o gênero não é apenas um produto da cultura, mas tem um papel ativo na produção e estabelecimento das noções de sexo natural.

Além disso, ao mencionar que o gênero é uma superfície politicamente neutra sobre a qual a cultura age, a autora levanta questões sobre como as noções de gênero são influenciadas e moldadas por fatores políticos e culturais. Isso sugere que a compreensão do gênero vai além de uma simples dicotomia entre natureza e cultura, envolvendo uma interação complexa entre ambos os aspectos (BUTLER, 2013).

De acordo com (BORDINI, 2012) podemos entender que as teorias que envolvem as questões de gênero dentro da sociedade discutem a construção social e cultural em contraste com a ideia de que o gênero é uma característica inata e biologicamente determinada. Dessa forma, elenca-se o gênero como um componente fundamental na forma como entendemos e interpretamos a natureza e as diferenças sexuais. Essa abordagem desafia a visão tradicional que associa o sexo à natureza e o gênero à cultura, apontando para uma interconexão mais complexa entre esses conceitos. Isso pode ter implicações significativas para como entendemos e abordamos questões de gênero e orientação sexual na sociedade.

Falar de sexualidade também engloba discutir identidade e construção do eu, como destaca Louro:

De acordo com Louro (2000), a sexualidade não pode ser vista apenas como algo “dado” pela natureza, pois tal concepção não faz sentido ao considerar suas dimensões sociais, políticas e culturais. A autora argumenta que a sexualidade é construída a partir de rituais, linguagens e símbolos, mostrando que não há nada de puramente natural nesse campo.

Podemos compreender essa fala no contexto escolar quando destacamos a importância de entender a sexualidade como uma construção cultural e social, e não apenas como algo inerente à natureza humana. Ao adotar essa perspectiva, as escolas podem, por meio de discussões que vão além da visão tradicional de sexualidade, permitir que os estudantes compreendam a influência das representações culturais, rituais e linguísticas na construção das identidades de gênero e orientações sexuais.

A autora apresenta várias camadas ao se referir às identidades de gênero, pois tem a concepção de que o gênero é visto mais como uma performance, na qual o corpo é um instrumento a ser explorado. Ela afirma:

> Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos culturalmente construídos. Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de “homens” se aplique exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo “mulheres” intérprete somente corpos femininos (Butler, 2003, p. 26-27).

Com essa fala, a autora sugere uma descontinuidade radical entre os corpos biologicamente sexuados e a construção social dos gêneros. A ideia que Butler (2003) propõe é que a estabilidade do sexo binário não implica necessariamente que a construção dos termos "homem" e "mulher" deva ser restrita a corpos masculinos e

femininos, respectivamente, pois essas questões trazem complexidades sobre as identidades e a ideia de identidade. A autora destaca a necessidade premente e constante de considerar as questões sobre sexualidade e identidade de gênero de forma mais ampla, reconhecendo a diversidade e a fluidez das identidades, para além das noções tradicionais de masculino e feminino na sociedade.

Essa concepção de Butler (2003) sobre sexualidade e gênero — de que a distinção entre os termos "gênero" e "sexo" pode levar a uma ruptura radical entre a biologia do corpo e sua construção social — significa que, mesmo considerando a estabilidade do sexo binário, a construção de "homens" e "mulheres" não se limita apenas aos corpos masculinos e femininos. Assim, ao discutir a possibilidade de que a construção de "homens" e "mulheres" não se restringe aos corpos sexuados, a fala da autora dialoga, como bem sabemos, com as teorias queer, que desafiam as normas de gênero e buscam ampliar o entendimento das identidades de gênero para além da dicotomia tradicional.

A discussão também se aplica a outras questões complexas, como a interseccionalidade, que considera que as identidades de gênero se entrelaçam com outras dimensões da identidade, como raça, classe social e orientação sexual. A linguagem desempenha um papel significativo na construção das relações sociais e, ainda assim, é preocupante ver discursos que tentam limitar a compreensão de gênero a uma dicotomia simplista. Isso acaba perpetuando estereótipos prejudiciais e contribui para a exclusão e discriminação de indivíduos que não se encaixam nesse modelo binário.

Diante de tudo isso, temos como exemplo as linhas do conservadorismo, criadas pelas bancadas evangélicas, com o intuito de deturpar as ideias e conceitos que formam a base dos movimentos e do que é ser LGBTQIAPN+ na sociedade, por meio da exclusão de documentos que não são discutidos na BNCC. Embora a Base Nacional Comum Curricular reconheça a importância de abordar questões de gênero e sexualidade nas diferentes áreas do conhecimento, promovendo, de certa forma, uma educação que respeite a diversidade e combata estereótipos e preconceitos, a implementação desse tema tem enfrentado desafios e resistências. É clara a luta dos movimentos LGBTQIAPN+ para que essas temáticas sejam incluídas na BNCC, destacando a importância da mobilização social para promover uma educação mais inclusiva e igualitária.

2. 3 Base legal para abordagem no ensino médio

- Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A BNCC exige que a escola promova debates que abordem temas sobre diversidade, direitos humanos e combate à discriminação. Estas são algumas das competências e habilidades relacionadas:

- **Ensino Fundamental – Ciências Humanas:** Respeito à diversidade e identidade.
- **Ensino Médio – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas:** Direitos humanos, cidadania, identidade social e cultural.

- Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB - Lei 9.394/96)

A LDB reforça que a educação deve ser pautada em princípios de igualdade, respeito e diversidade.

- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA - Lei 8.069/90)

O ECA garante que crianças e adolescentes tenham seus direitos protegidos, incluindo a preservação da identidade de gênero e orientação sexual sem discriminação.

- Resoluções e Normativas

- **Parecer CNE/CP n° 22/2019:** Reforça a importância da inclusão de temas ligados à diversidade nas escolas.
- **Plano Nacional de Educação (PNE):** Defende políticas para promoção da equidade de gênero e orientação sexual na educação.

- Estratégias pedagógicas

A abordagem para debater o tema deve ocorrer de forma interdisciplinar, reflexiva e baseada no diálogo. Algumas metodologias eficientes incluem:

- Inserção em disciplinas

- **História e Sociologia:** Movimentos LGBTQIAPN+ ao longo da história; direitos civis e conquistas legais.

- **Biologia e Ciências da Natureza:** Aspectos biológicos e sociais do gênero; genética e variação na diferenciação sexual.
- **Português e Literatura:** Análise de obras com personagens LGBTQIAPN+; escrita e produção de textos sobre identidade e diversidade.
- **Filosofia e Ética:** Reflexões sobre liberdade individual e respeito à diversidade; debates sobre moralidade e preconceito na sociedade.

Métodos Ativos de Aprendizagem

- **Rodas de conversa:** Permitem um espaço seguro para troca de ideias e experiências.
- **Estudos de caso:** Análise de histórias reais de pessoas LGBTQIAPN+ para contextualizar os desafios enfrentados.
- **Projetos interdisciplinares:** Atividades que integram várias disciplinas para promover reflexões mais amplas.
- **Uso de mídias diversas:**
  - **Filmes:** *Hoje Eu Quero Voltar Sozinho*, *Moonlight*, *Tomboy*.
  - **Documentários:** *Paris is Burning*, *A Morte e Vida de Marsha P. Johnson*.

- Desafios e como superá-los

Resistência de Alunos, Pais e Comunidade

- **Estratégia:** Explicar que o tema está baseado na BNCC e não tem caráter ideológico, mas sim educativo e científico.

Falta de Capacitação dos Professores

- **Estratégia:** Investir em formação continuada e cursos de atualização sobre diversidade e inclusão.

Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar

- **Estratégia:** Criar campanhas contra a LGBTfobia e incentivar denúncias anônimas de discriminação.

- Impactos positivos na escola

Combate ao Preconceito e ao Bullying

Pesquisas indicam que alunos LGBTQIAPN+ são mais propensos a sofrer bullying. Trabalhar o tema em sala de aula ajuda a criar um ambiente mais acolhedor.

Promoção da Saúde Mental

Estudantes LGBTQIAPN+ enfrentam altos índices de depressão e ansiedade devido à discriminação. A escola pode ser um espaço seguro para acolhê-los.

Formação de Cidadãos Mais Conscientes

Ao aprender sobre diversidade, os alunos se tornam adultos mais empáticos e preparados para viver em uma sociedade plural.

Para concluir, é fundamental entender que a abordagem sobre identidade de gênero e orientação sexual no ensino médio não apenas cumpre um papel educacional essencial, mas também ajuda a construir uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. A escola deve ser um espaço onde todos os alunos se sintam seguros e respeitados.

Judith Butler é uma das teóricas mais influentes no campo dos estudos de gênero e teoria queer. Em sua obra, ela desafia conceitos tradicionais sobre identidade de gênero e orientação sexual, argumentando que essas categorias não são naturais ou fixas, mas sim construídas socialmente por meio da linguagem, normas culturais e práticas repetitivas.

3 ORIENTAÇÃO SEXUAL E A MATRIZ HETERONORMATIVA

Discutir questões de gênero e orientação sexual nos remete a diversos fatores sociais que impactam múltiplas áreas. Compreender o sujeito dessa ação requer uma análise profunda do papel que ele desempenha, dependendo de seu contexto e das circunstâncias em que vive. Trazer esses assuntos para o campo educacional nos leva a repensar como a formação de alunos e professores moldará novas esferas de questionamento sobre si mesmos.

Butler (2013) discute as construções sociais de gênero e como elas são centralizadas na noção de uma identidade fixa e estável. Ela argumenta que as normas de gênero são impostas e reforçadas por instituições sociais, resultando numa expectativa de conformidade com papéis de gênero tradicionais. A autora apresenta a ideia de que a identidade de gênero não é inerente, mas sim uma performance realizada de acordo com normas sociais. Butler critica a noção de uma essência feminina ou masculina, defendendo que o gênero é uma construção social que pode ser subvertida e questionada.

A autora (Butler, 2013) também aborda a interseccionalidade entre gênero, raça, sexualidade e classe, argumentando que a opressão de gênero se entrelaça com outras formas de opressão e que as lutas feministas devem abordar essas interseções de maneira inclusiva. A autora desafia a dicotomia tradicional de gênero, que divide as pessoas em categorias estritas de masculino e feminino, propondo uma visão mais fluida e plural da identidade de gênero. Além disso, dentro dessa discussão, ela apresenta a identidade de gênero como algo que é reafirmado e repetido em “rituais sociais”, questionando a fixidez das identidades e promovendo, assim, uma perspectiva mais inclusiva e emancipatória.

Ela (Butler, 2013) contínua, ao salientar que uma ordem social rígida, originada do patriarcado, promove a heteronormatividade — isto é, a ideia de que a heterossexualidade e a binaridade de gênero são as únicas formas válidas de identidade e expressão sexual. Essa ordem compulsória de sexo/gênero/desejo cria hierarquias e limitações para as pessoas, reforçando estereótipos e excluindo experiências e identidades diversas.

A autora questiona essa ordem compulsória, destacando como ela se baseia em construções sociais e culturais impostas às pessoas desde o nascimento. Essa

imposição limita a liberdade e a autonomia dos indivíduos, restringindo sua capacidade de expressar-se de forma autêntica. Como ela afirma:

Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos (Butler, 2003).

Ou seja, a distinção entre sexo e gênero vai além das diferenças físicas e biológicas entre homens e mulheres, mostrando que os gêneros são construções sociais que podem afastar-se completamente das características sexuais. Isso implica questionar a noção tradicional de que o sexo determina o gênero, abrindo espaço para discutir a diversidade e a fluidez das identidades de gênero.

Outro debate interessante nas reflexões de Butler sobre gênero é a metáfora bastante provocativa que ela oferece para pensar as complexidades e contradições do gênero na contemporaneidade, quando questiona:

> Haverá “um” gênero que as pessoas possuem, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero?” (Butler, 2003. p. 42).

A questão que a autora levanta é: o gênero é uma característica fixa e imutável que as pessoas "possuem", ou é uma construção social e performativa que se manifesta por meio de uma série de atos e práticas? Ela questiona a ideia de que o gênero seja uma essência intrínseca ao indivíduo e, em vez disso, propõe que o gênero é algo que se faz, que se performa ao longo da vida. Quando se pergunta "qual é o seu gênero?", pressupõe-se a existência de uma categoria fixa e predeterminada, enquanto Butler sugere que o gênero é mais fluido e complexo do que essa pergunta permite.

Dessa perspectiva, surgem outras questões: se o gênero é construído, poderia ser diferente? Ou será que a noção de construção implica uma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? A noção de "construção" sugere que certas normas geram diferenças de gênero em conformidade com eixos universais de diferença sexual? Como e onde ocorre a construção do gênero? Que juízo podemos fazer de uma construção que não pode presumir um construtor humano anterior a ela mesma? (Butler, 2013).

Em meio a essas questões, pode-se explicar que a ideia de gênero é, de certa forma, uma determinação do que significa ser de um gênero, intricada em corpos

anatomicamente diferentes que, para a sociedade, servem como recipientes de uma lei sem fundamento. Ao compreendermos isso, percebemos que, dentro dessa lei construída sobre a "cultura" dos corpos, temos a impressão de que o gênero é tão determinado e fixado quanto a ideia de que nossa biologia determina nosso destino. Nesse caso, para a autora, não é a biologia que determina nosso destino, mas sim a cultura.

Simone de Beauvoir sugere, em seu livro *O Segundo Sexo*, que “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1973, p. 301). Para ela, o gênero é “construído”, mas há um agente implicado nessa formulação, que de algum modo pode assumir ou até mesmo se apropriar de outro gênero. Butler, então, questiona se o gênero é tão variável e volátil quanto a explicação de Beauvoir sugere. Será que a ideia de construção poderia ser reduzida a uma forma de escolha? Para Butler, quando se diz que alguém se torna mulher, isso é plausível, mas dentro de um viés cultural, e tal compulsão não vem claramente do sexo. Se o gênero é construído, poderia sê-lo de maneira diferente? Ou sua característica de construção implica alguma forma de determinismo social que exclui a possibilidade de agência ou transformação? (Butler, 2013, p. 28).

Aprofundando-me um pouco mais nesse conceito, considero importante apresentar um pouco da minha história como ser humano pertencente às classes mais marginalizadas, para chegarmos ao cerne da questão. O fato de ter nascido mulher, oriunda de uma família humilde e trabalhadora, coloca-me em uma posição social na qual preciso lutar pelos meus direitos e pelos direitos da minha família. Refiro-me a duas famílias de lugares e costumes totalmente diferentes: meus parentes por parte de mãe são nordestinos, e por parte de pai, são da região Sudeste, mais precisamente do Rio de Janeiro. Portanto, tenho ascendência nordestina e carioca.

Ambos os lados são compostos majoritariamente por pessoas negras e pardas. Somente esse fator genético já implica inúmeras questões. Fui criada no Nordeste, convivendo com a família de minha mãe, e cresci ouvindo e vendo que os costumes quanto ao tratamento das mulheres, pela cultura local, eram muito distintos daqueles apresentados pelas novelas. Ser mulher e tornar-se mulher em um ambiente carregado de misoginia, derivada de um patriarcado enraizado na sociedade, era algo muito forte e presente em minha infância — inclusive entre mulheres, o que era e ainda é muito preocupante, de modo geral.

Foi dentro dessa questão de "tornar-se" mulher e entender-me como uma que

busquei compreender qual era o papel do gênero feminino e, principalmente, que lugar eu ocuparia como uma mulher negra que ainda não se entendia como parte de uma comunidade de pessoas consideradas "diferentes e transgressoras". Avançando nessa reflexão, trago à luz meu período conturbado na escola, durante a infância e a adolescência, que foram momentos muito desafiadores para mim. Nunca tive a intenção de me entrosar com colegas de sala ou de outras turmas; sempre fui muito reservada. Acredito que minhas dúvidas em relação à minha sexualidade contribuíram para isso, e hoje, na fase adulta, percebo o quanto isso foi determinante. Não houve a "experiência" de me entender como mulher, pois os "ensinamentos" que recebi eram muito grosseiros, por assim dizer, e o apoio que precisava não estava ao meu alcance.

bell hooks, em seu livro *Teoria Feminista* (2019), afirma que a maioria das mulheres sempre esteve em um lugar de submissão, aceitando tudo de cabeça baixa sem proferir uma única palavra contrária — o que é característico dessa condição na qual elas encontram e aceitam seu destino sem questionamentos ou protestos. Ela menciona que, em *The Feminine Mystique* (*A Mística Feminina*), de Betty Friedan (1963), o movimento feminista ainda é visto como um precursor contemporâneo, mas o livro foi escrito como se as mulheres não existissem. Friedan cunha a frase "o problema que não tem nome" para descrever a condição da mulher em nossa sociedade, mas, na verdade, refere-se a um pequeno grupo de mulheres brancas, de classe média alta e com nível superior, que, entediadas com o lazer, os filhos e as compras, esperavam algo mais da vida. A autora termina o primeiro capítulo com a seguinte afirmação: “Não podemos continuar ignorando aquela voz dentro das mulheres que diz: ‘Quero algo mais do que meu marido, meus filhos e minha casa’” (1963). Ao dizer isso, Friedan refere-se precisamente à carreira, pois, do seu ponto de vista, não se preocupa com questões domésticas, como cuidar das crianças ou manter a casa, nem com a independência em relação a um homem. Dessa forma, ela anula as mulheres não brancas e as brancas pobres. Portanto, quando ela diz

> É urgente entender como a condição de dona de casa pode criar na mulher um sentimento de vazio, de não existência, de nulidade. Existem aspectos nesse papel que tornam quase impossível para uma mulher intelectualmente adulta preservar um senso de identidade humana, aquele núcleo chamado de “si-mesmo” [*self*],sem o qual um ser humano não está verdadeiramente vivo. Para as mulheres dotadas de alguma habilidade na América de hoje, estou convencida de que existe algo na condição de esposa e dona de casa que é em si mesmo

> perigoso (Friedan, 1963, p. 289).

Diante disso, o que podemos perceber é que esse ponto levantado pela autora estava longe de ser exclusivamente uma observação voltada para todas as mulheres, pois a maioria delas estava mais preocupada com problemas ligados a questões econômicas, as discriminações raciais e étnicas.

3. 1 As práticas docentes e as metodologias aplicadas em sala de aula

Apresentar as concepções de gênero conduz a novos caminhos intimamente ligados às questões educacionais. Abordar esse tema nas escolas não é uma tarefa fácil, devido às diversas implicações relacionadas à sua inclusão no ambiente escolar. Esses temas, como já se sabe, são pouco discutidos e relacionam-se a outro tópico de suma importância: sua incorporação na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A ausência dessas discussões na BNCC gerou inúmeras controvérsias, as quais correspondem às desigualdades de gênero no ambiente escolar.

> O gênero possui atributos performativos, a prática do dia a dia e o reconhecimento dos papéis que o ser humano desenvolve em sociedade, ou seja, fazemos gênero todos os dias, onde seu papel inclui tudo o que uma pessoa diz ou faz para se revelar a si própria como possuidora de condição de moça/rapaz; homem/mulher, inclui a sexualidade, todavia, não se restringe a ela, pois esta é tida como sensações corpóreas e subjetivas emocionais da pessoa (Butler,1990).

Ao apresentar essa reflexão, o autor nos leva a compreender que o gênero não é algo fixo, mas sim algo que construímos e performamos constantemente em nosso cotidiano. Quando afirma que “fazemos o gênero todos os dias”, remete-nos à ideia de que a identidade de gênero não se resume à biologia ou a padrões preestabelecidos. Trata-se de um processo dinâmico e contínuo, que evidencia a importância do reconhecimento dos papéis sociais para compreender essa dinâmica. Como já discutido anteriormente, a sociedade tem expectativas específicas sobre como homens e mulheres devem se comportar, e tais expectativas frequentemente moldam nossas ações e até mesmo nossos sentimentos.

Ao salientarmos isso, percebemos que essa perspectiva amplia nossa compreensão sobre o gênero, mostrando que o termo vai além da representação da

sexualidade ou de um papel social específico. Trata-se de uma construção social complexa, influenciada tanto pela forma como nos percebemos internamente quanto pelas normas externas impostas. Essa reflexão me levou a questionar como podemos desafiar essas normas e criar espaços mais inclusivos para todas as identidades de gênero.

Sabemos que o primeiro contato com a definição de identidade de gênero ocorre no âmbito familiar, onde a criança, em seu convívio com os pais, busca identificar-se com eles. Posteriormente, a escola assume o papel de interlocutora, intermediando essas relações e promovendo debates que se intensificaram a partir dos anos 1970, quando começou a ser inserida nos currículos escolares devido às mudanças comportamentais dos jovens na década anterior. Assim, o debate sobre o tema consolidou-se paralelamente ao fortalecimento dos movimentos sociais feministas e LGBT, que buscavam respeito à diversidade (Júnior, 2018).

Para ser mais precisa, as aulas de Educação Sexual foram incorporadas às disciplinas de Ciências, abordando temas como reprodução, métodos contraceptivos, gravidez “indesejada” e prevenção de DSTs. Na década de 1960, com o crescimento da “segunda onda” do feminismo e a produção acadêmica de estudos feministas (Louro, 1997), além de outros movimentos culturais e políticos — como o movimento Hippie, o Black Power, o Cinema Novo e a Tropicália no Brasil —, um cenário de transformações sociais começou a delinear propostas alternativas de Educação Sexual, permeando um processo de renovação pedagógica.

As campanhas de prevenção de DSTs, no entanto, frequentemente criminalizam práticas e relacionamentos homoafetivos, culpabilizando essas pessoas pela propagação e avanço da epidemia. Em decorrência disso, o movimento LGBT, que já se organizava desde o final dos anos 1970, passou a abordar cada vez mais esses assuntos, assumindo um papel fundamental no combate ao preconceito e na promoção da solidariedade para com pessoas soropositivas e doentes.

Esclarecidas essas questões, partimos para o ponto em que o MEC, finalmente, incluiu nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), aprovados em 1997, as questões de gênero como tema transversal, mencionando que estavam inseridas em todos os assuntos a serem trabalhados na escola, com foco no respeito às diferenças. A BNCC reconhece a importância de abordar essas questões para combater estereótipos e preconceitos. No entanto, a implementação efetiva dessas diretrizes enfrenta desafios, ainda que os movimentos LGBTQIAPN+ tenham

contribuído para sensibilizar a sociedade e promover maior igualdade, apresentando instruções educacionais sobre a relevância de discutir gênero e sexualidade no ambiente escolar. É crucial que as escolas ofereçam um ambiente acolhedor, tornando as práticas educativas mais inclusivas e respeitosas para todos os alunos.

As questões de gênero e sexualidade no processo de formação do adolescente são influenciadas pela sociedade, família, religião, cultura, pelo próprio indivíduo e pela escola, que, por vezes, reproduz conteúdos preconceituosos e visões tradicionalistas, impactando suas condutas e escolhas (Martins et al., 2012). Dentre esses, a escola é um ambiente fundamental para a educação cidadã, e a abordagem da sexualidade nesse espaço é essencial. No entanto, quando o tema não é evitado, frequentemente restringe-se ao âmbito biológico e tecnicista, devido ao despreparo dos professores para uma abordagem ampla, resultante de uma cultura que trata o assunto como tabu (Cunha Lima, 2013).

Retomando a discussão, a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96), a Educação Sexual foi de fato inserida nos Parâmetros Curriculares Nacionais por meio do Tema Transversal “Orientação Sexual”. Esse documento, apesar de críticas quanto à terminologia utilizada e à não inclusão de discussões sobre diferentes expressões da sexualidade, representou um avanço, pois pela primeira vez debateu-se políticas de Educação Sexual para os currículos escolares (Bastos, Dantas, 2018). Historicamente, a Educação Sexual sempre esteve atrelada a discussões derivadas da medicina, centrando-se em aspectos reprodutivos e preventivos. Dessa forma, o tópico “Educação Sexual” no espaço escolar restringiu-se às disciplinas de Ciências e Biologia, como se as questões ligadas à sexualidade se limitassem a aspectos anatômicos e fisiológicos do corpo humano, deixando de lado dimensões culturais e sociais.

Um exemplo disso é o ponto de vista de alguns docentes de Ciências e Biologia, que ainda possuem uma visão da sexualidade voltada ao aspecto reprodutivo, predominando argumentos biológicos. Em pesquisas realizadas com professores dessas disciplinas, Izaura Cruz (2008) constatou que, na perspectiva dos entrevistados, a sexualidade estava frequentemente associada a situações de perigo, como se observa em suas falas ao descreverem metodologias e práticas de Educação Sexual nas escolas:

> Então a gente trabalha isso, para sensibilizar, porque conscientizar

> ninguém pode. Sensibilizar mais o indivíduo a cuidar do seu corpo. Para manter a sua saúde! É isso que eu passo para eles. Quando vocês pensarem em relacionamento sexual, pensem na doença, não é só filho! (Cruz, 2008, p. 115).

Essa professora mantém o foco em uma Educação Sexual para o combate às doenças e em nenhum momento faz referência ao prazer. Em outro trecho, afirma que"

> [...] a gente tem que tomar cuidado porque, por exemplo, se eu estou falando de sexo anal, eu não posso deixar de falar de anatomia. A questão do órgão: primeiro é o sistema digestório, né? O ânus é sistema digestório. Ali tem o quê? Produção de fezes. Tem a questão do calibre, da espessura. Então tem que falar da questão da anatomia. Não vou dizer: 'Ah! É uma coisa proibida! Que não é, porque vai depender de eles aceitarem ou não. Mas também devemos mostrar os perigos que podem acontecer, de doenças, né? (Cruz, 2008, p. 115).

> [...] a Educação Sexual é vista pelas professoras como fonte de conhecimento sobre o próprio corpo; uma forma de proporcionar conhecimentos sobre saúde (cuidados, hábitos a serem adotados, formas de prevenção); como elemento importante para a felicidade do indivíduo e também como um fator importante na eliminação de preconceitos e aceitação da diversidade. (Cruz, 2008, p.118).

Outro ponto interessante diz respeito à forma como as palavras são utilizadas para diferenciar a discussão científica sobre sexualidade da abordagem popularizada presente no cotidiano. Essa prática configura o que Foucault (2006) denominou **interdições do discurso**, que ocorrem principalmente no âmbito da política e da sexualidade. Conforme aponta Cruz (2008, p. 120):

> A utilização da linguagem científica mostra claramente uma das formas de interdição do discurso: o ritual de circunstância – onde e como se fala de sexualidade na escola: nas aulas de ciências e utilizando a linguagem científica.

Compreende-se que a associação entre sexualidade e conteúdos científicos surge frequentemente com o argumento de que os professores devem apresentar aos/às alunos/as termos considerados mais adequados do que aqueles utilizados cotidianamente.

Em relação às referências e curiosidades das crianças sobre a

homossexualidade, uma professora, ao ser questionada sobre como tratava dessas questões, respondeu:

> [...] eu lido normal. Sempre negando. Ah! Eu tenho que negar isso. [...] negando, porque, por exemplo, tem menino (que fala)'Ih fulano é bicha'. Aí eu (digo), por que que ele é bicha? Aí chama de viado. Venha cá, por quê? Aí tudo eu levo assim, e vou começando a conversar e observando, que também a gente não pode ficar chamando a atenção e deixar que ele seja massacrado pelos colegas. Nunca tive assim, só essas brincadeiras. [...] digo: vai ter peça de teatro é? De animais é? Por que você não quer ser o veado e quer que ele seja? Eu pergunto a ele se ele quer ser o veado. Eles se acabam de rir. (Cruz, 2008, p. 10).

Ao observarmos a fala dessa professora, nota-se que ela não demonstra interesse em discutir as questões apresentadas pelas crianças e reforça uma ideia de controle da sexualidade infantil, que se concretiza por meio da negação de suas demandas. Do seu ponto de vista, é comum negar a sexualidade infantil e, ainda mais, evitar qualquer referência à homossexualidade, uma vez que essa identidade não está incluída no currículo escolar.

Os argumentos utilizados pelas professoras de Ciências e Biologia relacionam-se a uma biopolítica, partindo do pressuposto de que essas disciplinas forjam um discurso essencialista sobre a sexualidade, especificamente nos seguintes pontos: 1. *Controle do corpo feminino; 2. A regulação das sexualidades desviantes; 3. O controle da sexualidade infantil e 4. O sexo com finalidade reprodutiva (Carvalho; Lorencini Júnior, 2017).*

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4. 1 Tipo de pesquisa

Esta pesquisa foi conduzida com abordagem qualitativa, cujo objetivo principal foi compreender os “porquês” das situações investigadas. Por meio de um questionário com dezoito questões, eu analisei os comportamentos e opiniões dos sujeitos entrevistados para a construção de resultados significativos.

4. 2 Abordagem metodológica

As pesquisas científicas podem adotar abordagens quantitativas ou qualitativas. A abordagem quantitativa foca em dados numéricos e análises estatísticas, enquanto a qualitativa busca compreender processos, significados e experiências, explorando a complexidade de fenômenos sociais. Esta pesquisa opta pela abordagem qualitativa por seu potencial de investigação profunda, permitindo compreender experiências e perspectivas individuais de gênero e diversidade sexual.

Segundo Minayo (2001), na pesquisa qualitativa o que importa é a objetivação contextualizada, ou seja, reconhecer a complexidade do objeto de estudo, revisitar teorias e conceitos relevantes, aplicar técnicas de coleta adequadas e analisar os dados de forma interpretativa. Essa abordagem permite compreender nuances e significados que não seriam captados por métodos puramente quantitativos.

A presente pesquisa caracteriza-se como abordagem qualitativa, por buscar compreender, de forma aprofundada, as percepções, experiências e práticas dos sujeitos envolvidos no contexto escolar em relação às questões de identidade de gênero e orientação sexual. Optei por essa abordagem por entender que as temáticas investigadas envolvem dimensões subjetivas, sociais e culturais que não podem ser reduzidas a dados quantitativos, exigindo, portanto, uma análise interpretativa das falas e vivências dos participantes. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa possibilita uma compreensão mais ampla das relações estabelecidas no ambiente escolar, considerando os significados atribuídos pelos sujeitos às suas experiências.

A pesquisa foi com três professores,cujos nomes são: **Ednilton Silva Estendio**,**Tércio Ramon Almeida Silva** e **Maria Alcilene Vitória Batista Aires** que

atuam em duas instituições de ensino, localizadas na região do Cariri paraibano: a **Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental José Bonifácio Barbosa de Andrade,**onde o professor Ednilton atua que está situada no distrito de Pio X, no município de Sumé – PB, e na **Escola Cidadã Integral Técnica Estadual Jornalista José Leal Ramos,** localizada no município de São João do Cariri – PB, é onde os professores Tércio e Alcilene atuam.

As instituições atendem estudantes de diferentes faixas etárias e estão inseridas em contextos marcados por características socioculturais específicas da região, especialmente no que diz respeito à influência de valores tradicionais, religiosos e comunitários. Esses elementos tornam o ambiente escolar um espaço relevante para a investigação das questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual, considerando os desafios e as possibilidades de abordagem dessas temáticas no cotidiano educacional.

4.3 Técnicas de coleta de dados

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário aplicado a professores das instituições participantes da pesquisa. O uso do questionário possibilitou a obtenção de informações relevantes acerca das percepções, práticas pedagógicas e experiências dos docentes em relação às questões de gênero e orientação sexual no ambiente escolar.

O questionário foi composto por 18 questões abertas, permitindo aos participantes expressarem suas opiniões de forma mais livre e detalhada. Essa escolha metodológica favoreceu a compreensão dos significados atribuídos pelos professores às situações vivenciadas em seu cotidiano profissional, bem como possibilitou identificar desafios, concepções e estratégias adotadas no tratamento dessas temáticas em sala de aula.

A utilização dessa técnica mostrou-se adequada aos objetivos da pesquisa, uma vez que possibilitou o acesso a diferentes perspectivas, contribuindo para uma análise mais aprofundada do fenômeno investigado.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Agora vamos ao cerne da questão onde adentramos de fato na pesquisa, para dar início a discussão sobre identidade de gênero e orientação sexual. Como já foi abordado na seção metodológica, a minha pesquisa foi feita com cunho qualitativo, onde busquei compreender as perspectivas de três professores sobre os temas e quais suas contribuições sobre o mesmo dentro do ambiente escolar. Os sujeitos escolhidos são professores de instituições de ensino distintas. O primeiro professor escolhido para a aplicação do questionário atua na EMEIEF José Bonifácio Barbosa de Andrade,que está localizada no Distrito de Pio X, Zona Rural do Município de Sumé. Os outros dois professores atuam na ECIT Jornalista José Leal Ramos que fica localizada na cidade de São João do Cariri,que fica à 52,2 km da cidade de Sumé. Esta entrevista que fiz com eles não foi feita de maneira presencial,pois devido a contratempos como disponibilidade e locomoção,a forma mais acertada de realizá-la foi através do envio de um questionário contendo 18 perguntas.

5.1 Caracterização dos sujeitos entrevistados

Para melhor organização e análise dos dados, as respostas dos participantes foram agrupadas em categorias temáticas, considerando aspectos como caracterização dos sujeitos, formação docente, compreensão sobre gênero e sexualidade, práticas docentes e desafios enfrentados no contexto escolar.

Quadro 1 - Dados Pessoais dos participantes:

Categoria	**P1**	**P2**	**P3**
idade	29 anos	38 anos	43 anos
Sexo	masculino	masculino	feminino
Estado Civil	casado	não respondeu	solteira
Possui filhos	não	sim	sim

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

Os participantes da pesquisa são três professores da educação básica, com idades entre 29 e 43 anos. Em suas trajetórias pessoais destacam desafios relacionados principalmente a questões socioeconômicas e familiares.

Quadro 2 - Compreensão sobre gênero e sexualidade:

Categoria	**P1**	**P2**	**P3**
Compreensão dos conceitos	considera o tema complexo e pouco conhecido	Apresenta compreensão mais direta dos conceitos	Apresenta compreender diretamente os conceitos
Definição de orientação sexual	Associa a atração entre pessoas do mesmo sexo	Relaciona às escolhas afetivas e sexuais.	Apresenta pouca compreensão sobre.
Definição de identidade de gênero	demonstra conhecimento limitado	faz relação ao comportamento social e papéis de gênero	faz relação ao comportamento social e a papéis de gênero na sociedade.
Nível de conhecimento	Superficial	moderado	moderado
necessidade de aprofundamento	Destaca a necessidade de estudo.	aponta a importância de formação continuada.	aponta a importância de formação continuada.

Fontes: dados da pesquisa (2025)

A partir das respostas dos participantes, é possível perceber que os professores apresentam diferentes níveis de compreensão em relação aos conceitos de identidade de gênero e orientação sexual. Em alguns casos, nota-se que esse entendimento ainda é mais superficial, estando, muitas vezes, relacionado a ideias do senso comum. Embora os docentes reconheçam a importância da temática, nem sempre conseguem diferenciar de forma clara os conceitos, especialmente no que diz respeito à identidade de gênero e à orientação sexual.

Observa-se também que alguns participantes associam essas questões a

aspectos comportamentais ou a “escolhas” individuais, o que demonstra uma compreensão ainda limitada diante das discussões atuais sobre o tema. Por outro lado, também é possível identificar uma postura reflexiva, principalmente quando os próprios professores reconhecem a necessidade de aprofundar seus conhecimentos.

Dessa forma, os dados indicam que ainda existem lacunas na formação docente em relação às questões de gênero e sexualidade. Isso reforça a importância de investimentos em formação continuada, que possibilitem aos professores ampliar seus conhecimentos e desenvolver práticas pedagógicas mais conscientes, críticas e inclusivas no ambiente escolar.

Quadro 3 - Preparação docente e necessidade de formação

categoria	**P1**	**P2**	**P3**
Preparação docente	Se sente preparado para abordar o tema	Se sente preparado para lidar com a diversidade.	Não se considera completamente preparada.
Segurança para abordar o tema	Demonstra conforto ao dialogar com os alunos	Demonstra abertura e postura acolhedora.	Demonstra insegurança diante da complexidade do tema.
Necessidade de formação	Destaca importância de aprofundamento	Aponta falta de mais formações acadêmicas.	Destaca lacunas na formação inicial
Tipos de formação sugeridos	Sugere debates, palestras e treinamentos.	Sugere materiais didáticos e formação pedagógica.	Indica necessidade de maior aprofundamento formativo.

Fonte: Dados da pesquisa (2025)

A partir dos dados apresentados, observa-se que os professores demonstram disposição e abertura para abordar as questões relacionadas à identidade de gênero e orientação sexual no ambiente escolar, evidenciando uma postura acolhedora e dialógica. No entanto, ambos (**P1 e P2**) reconhecem a necessidade de formação continuada, destacando a importância de capacitações específicas, materiais didáticos e momentos formativos que possibilitem maior aprofundamento teórico e prático.

Diferentemente dos demais participantes, um dos professores demonstra uma

percepção mais crítica em relação à própria formação, reconhecendo não se sentir completamente preparado para lidar com as questões de gênero e sexualidade. Essa fala evidencia não apenas a complexidade do tema, mas também lacunas na formação inicial docente, o que reforça a necessidade de investimentos em formação continuada.

Esses resultados indicam que, embora exista uma predisposição positiva por parte dos docentes, ainda há lacunas na formação que impactam diretamente na abordagem dessas temáticas em sala de aula.

Após compreender o nível de preparo dos docentes, torna-se relevante analisar como esses profissionais percebem a importância da abordagem das questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar.

Quadro 4 - Importância da temática no ambientes escolar

Categoria	**P1**	**P2**	**P3**
Importância do tema	Considera relevante discutir diversidade de gênero e sexual no ambiente escolar	Destaca que é cada vez mais importante promover o respeito à diversidade	Relaciona a temática aos direitos dos estudantes, à diversidade e ao papel transformador da escola
Conscientização e respeito	enfatiza a necessidade de respeitar as diferentes orientações sexuais	defende o respeito como princípio essencial no ambiente escolar	Associa o tema à construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa.
Impacto no ambiente escolar	acredita que o debate contribui para um ambiente mais respeitoso	Relaciona o tema à construção de um ambiente mais justo e inclusivo.	Entende que a escola é espaço de transformação social e promoção de mudanças.
Formação Cidadã	Associa o tema à construção de valores como empatia e respeito	Relaciona à formação ética e cidadã dos estudantes	Destaca a importância para a construção de uma sociedade sem violência e com igualdade de direitos.

Fontes: dados da pesquisa (2025).

Os dados evidenciam que os professores reconhecem a importância da abordagem das questões de gênero e orientação sexual no ambiente escolar, destacando sua contribuição para a promoção do respeito, da igualdade e da convivência social. Observa-se que os participantes associam a temática não apenas à formação cidadã, mas também ao papel transformador da escola na construção de uma sociedade mais justa e menos violenta.

A fala da professora (P3) amplia essa compreensão ao enfatizar a relação entre educação, direitos e transformação social, reforçando a relevância da temática no contexto educacional.

Após a análise da importância atribuída pelos docentes às questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, se torna fundamental compreender como essas temáticas são efetivamente trabalhadas dentro da prática pedagógica. Nesse sentido, o quadro que apresento a seguir mostra uma síntese das práticas docentes, das estratégias adotadas e das e das formas de enfrentamento ao preconceito no contexto escolar, evidenciando como os professores lidam com essas questões no cotidiano da sala de aula.

Quadro 5 - Práticas docentes e enfrentamento ao preconceito:

Categoria	**P1**	**P2**	**P3**
Práticas docentes	utiliza o diálogo para discutir respeito e diversidade	Adota postura acolhedora	Desenvolve aulas sobre o tema e reforça constantemente o respeito.
Estratégias pedagógicas	Propõe debates e atividades educativas	Defende formação e práticas	Utiliza debates, palestras e diálogo com a comunidade escolar.
Promoção da inclusão	Incentiva participação da comunidade escolar	enfatiza práticas inclusivas	Defende igualdade de tratamento respeito à diversidade
Enfrentamento	atua por meio do	busca	Não tolera

ao preconceito	diálogo	conscientizar os alunos	discriminação e reforça o respeito como princípio fundamental
Combate ao bullying	Trabalha o respeito no cotidiano	Atua na prevenção de comportamentos preconceituosos	Atua de forma ativa contra qualquer forma de discriminação.
Acolhimento aos alunos	Demonstra abertura para escuta	Adota postura empática	Valoriza a escuta, orientação e encaminhamento dos estudantes.
Percepção sobre a escola	—	Aponta limitações na abordagem do tema.	Indica que a escola ainda reproduz desigualdades e silenciamentos.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A análise que fiz das práticas docentes deixa evidente que os professores adotam o diálogo como principal estratégia para abordar questões relacionadas à diversidade de gênero e orientação sexual, demonstrando adotarem uma postura acolhedora e comprometida com a promoção do respeito. Observa-se a utilização de práticas como debates, palestras e ações educativas, voltadas à conscientização dos estudantes discriminatórios.

Destaca-se, na fala da professora (P3), uma atuação mais sistemática e crítica, evidenciada pela inserção do tema em suas aulas e pela defesa de uma postura ativa contra qualquer forma de discriminação. Além disso, a participante aponta que a escola ainda pode reproduzir desigualdades e silenciamentos, o que revela a necessidade de avançar na construção de práticas institucionais mais inclusivas.

De modo geral, os dados apresentados indicam que, embora existam iniciativas que são consideradas relevantes por parte dos docentes, essas práticas ainda dependem, em grande medida, de ações individuais, reforçando a importância de políticas educacionais e formações continuadas que fortaleçam o trabalho com a temática no contexto escolar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa busquei compreender os aspectos e desafios que envolvem a Identidade de Gênero e a Orientação Sexual no contexto escolar paraibano. Mais do que apresentar conceitos e dúvidas quanto ao assunto discutido, a intenção foi olhar para a realidade vivida dentro das escolas e refletir sobre como essas questões atravessam o cotidiano de estudantes e educadores.

A pesquisa evidenciou que, apesar de alguns avanços no debate sobre diversidade, ainda existem barreiras significativas marcadas pela desinformação, pelo preconceito e por silêncios institucionais. Esses obstáculos mostram o quanto ainda é necessário ampliar o diálogo e fortalecer práticas pedagógicas que promovam o respeito e a inclusão. Mesmo que existam práticas nas escolas em prol dessa causa, como rodas de conversas, palestras, ainda se faz necessário trabalhar a formação dos professores, que foi justamente essa a premissa que fez com que esse assunto se tornasse este trabalho.

Ficou claro, durante a construção deste estudo, que a escola ocupa um lugar central na formação social dos sujeitos. Quando esse espaço se torna acolhedor e aberto à escuta, ele contribui não apenas para o aprendizado acadêmico, mas também para a construção da autoestima, do pertencimento e da dignidade dos estudantes. Por outro lado, quando há omissão ou exclusão, os impactos podem ser profundos e duradouros. Reconheço que esta pesquisa possui limitações, especialmente em relação ao recorte adotado à abrangência dos dados coletados. Ainda assim, acredito que ela cumpre o papel de provocar reflexão e incentivar novos olhares sobre a realidade escolar paraibana.

Por fim, reforço a importância de que o debate sobre identidade de gênero e orientação sexual não seja tratado como algo secundário, mas como parte essencial da construção de uma educação mais justa, inclusiva e humana. Espero que este trabalho possa contribuir, ainda que modestamente, para o fortalecimento de práticas educativas que respeitem e valorizem as diferenças.

REFERÊNCIAS

BIÁZZIO, S. C. F. de; Lima, P. G. A participação da família no projeto político pedagógico da escola**.** ***Educere et Educare*** **- Revista de Educação**, Vol. 4 n. 7, 2009

BORDINI, Gabriela Sagebin; SPERB, Tania Mara. Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica,** v. 25, p. 738-746, 2012.

BUTLER, Judith. ***Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.*** Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020

Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos.** Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007.

GUIMARÃES, Valéria Maria Gomes (Orgs.). **Gênero, Diversidade Sexual e Educação;** Conceituação e Práticas de Direito e Políticas Públicas. João Pessoa: Ed. Universidade UFPB, 2008.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. O reconhecimento da diversidade sexual e da homofobia no contexto escolar. GENTLE, Ivanilda Matias; ZENAIDE, Maria de Nazaré Tavares;

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da educação,** n. 33, 2011.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social: In: MINAYO, M. C. S. (Org.). **Teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001. p. 9-29.

NOGUEIRA, M. A. Relação Família-escola: um novo objeto na sociologia da educação. Em: XXIII Encontro Anual da ANPOCS, 1999, Caxambu, Minas Gerais. Anais … Minas Gerais.

OLIVEIRA, Mariana Silva: Questões de gênero na escola e a influência da sociedade. Monografias, Brasil escola. Disponível em:

https://monografias.brasilescola.uol.com.br/pedagogia/questao-genero-na-escola-influencia-sociedade.htm Acesso em: 28 ago. 2025.

PONTES, A. F. Sexualidade: Vamos conversar sobre isso. **Promoção do desenvolvimento psicossexual na adolescência: implementação e avaliação de um programa de intervenção em meio escolar.** Tese (Doutorado em Ciências de Saúde Mental) – Instituto de Ciências Biomédicas de Abel Salazar, Universidade do Porto, Porto, 2011.

RIBEIRO, Maria Clara Maciel de Araújo; CATRINCK, Isabela Maria Oliveira; MAGALHÃES, Sandy Aparecida Barbosa. Por uma educação freiriana que atue contra a desigualdade de gênero no Brasil contemporâneo. **Práxis educativa,** V. 16, 2021. Disponível em:

https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/16640/209209214344#toc Acesso em: 28 ago. 2025.

Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3).** Brasília: SDH, 2010.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

DADOS DE CARACTERIZAÇÃO PESSOAL

1. Nome completo

2. Sexo: Masculino ( ) Feminino ( )

3. Idade:

4. Estado civil:

a) Solteiro (a) ( )

b) casado (a) ( )

c) Divorciado (a) ( )

d) Viúvo (a) ( )

5. Tem filhos?

Sim ( ) não ( )

6. Você poderia me contar um pouco sobre os desafios que enfrentou para chegar até aqui?

7. Gostaria de entender melhor como sua visão de mundo foi moldada. Você poderia me falar sobre as suas principais influências na vida?

8. Qual sua compreensão sobre os conceitos de orientação sexual e identidade de gênero?

9. Você se sente preparado para lidar com questões relacionadas à diversidade sexual e de gênero em sala de aula? Ou na gestão?

10. Quais recursos ou formações você considera importantes para aprofundar o conhecimento sobre esses temas?

11. Como você enxerga a importância de incluir discussões sobre diversidade de gênero e orientação sexual no currículo escolar? Discorra sobre.

12. Quais estratégias você acredita que podem ser eficazes para promover um ambiente escolar inclusivo e acolhedor para alunos LGBT+?

13. Qual a sua abordagem ao lidar com situações de preconceito e bullying relacionados à diversidade de gênero e orientação sexual dentro da escola?

14. Como você se prepara para oferecer suporte e orientação aos alunos LGBT+ que possam enfrentar desafios em relação à sua identidade dentro do ambiente escolar?

15. Como a diversidade de gênero e orientação sexual é abordada na sua escola? Você acha que há espaço para todos se sentirem respeitados e representados?

16. Qual é a importância de entender e respeitar a diversidade de orientação sexual e identidade de gênero, tanto para você, quanto para seus alunos que podem vir a se identificar como LGBT+?

17. Como você acredita que a educação sobre sexualidade nas escolas pode contribuir para um ambiente mais inclusivo e acolhedor para todos os estudantes, independentemente de sua orientação sexual?

18. Como você se posicionaria caso um adolescente se sentisse confortável para expor a você suas dúvidas em relação à própria sexualidade?